Domingos Barboza

SILHUETAS

068071/2012
L0000068100

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

DOMINGOS BARBOZA
(Da Academia Maranhense)

ORMA
920.71
B238s

BIBLIOTHECA PUBLICA
DO
ESTADO DO MARANHÃO

SILHUETAS

BIBLIOTHECA PUBLICA DO MARANHÃO
N.
DOAÇÃO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

REGISTRO SETORIAL
Secan Obras Raras
Nº 8799
Data 30/07/84

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

920.81
B.238

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A SOUZA BANDEIRA

A TANCREDO MARTINS E

A HUMBERTO DE CAMPOS

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A Bibliotheca Publica do
Maranhão,

of

o autor

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

SILHUETAS

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

O dr. Maia

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Nunca o tinha visto. Meu pai militára, na monarquia, ao lado do conselheiro Gomes de Castro, chefe da cizão que dividiu em dois o partido conservador da província.

Anos passaram-se. Degladiavam-se os dois grupos como si fossem partidos diversos, como si uma só bandeira os não abrigasse a ambos.

Veio, porém, a República, e Gomes de Castro renunciava pouco depois a chefia. Havia um caminho aberto aos dois grupos—maista e castrista: unirem-se. E assim se fez. Foi dessa fórma que o partido nacional surjiu, chefiado de fato por Benedicto Leite, e tendo á frontaria, no lugar de honra, destinado ao chefe, o nome do doutor Maia, a dar á agremiação nacente o prestíjio imenso do seu nome.

Foi a esse tempo que eu o vi pela única vez.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Conhecia-o de retrato, e nunca se me apagara da retina aquella fizionomia bem talhada de um «Thiers sem óculos», como lhe chamou Affonso Celso.

Sabia-o um douto. Conhecia o fato de ter elle sido condecorado, na França, onde estudou, por Luiz Felipe, o *roy-citoyen*.

Ouvira dizer por mais de uma vez que o grande Orfila fôra seu mestre. Apontavam-no como profundo conhecedor do grego. Não me eram estranhos os seus triunfos eleitorais de chefe.

Mas o que naquella idade mais me assombrava era a sua fama, a sua lenda de médico que previa tudo e não errava nunca, lenda que a bôca do povo espalhava e aumentava, e que as velhas criadas de caza me repetiam á noite, á hora de dormir, quandó eu tinha oito anos. E nunca mais me sairam as lendas da imajinação...

Era uma linda moça, do Rio, filha de um ministro. Adoecera. Médico algum sabia o que era doença da linda moça, filha do ministro. Tanto que o imperador mandára os seus médicos—os médicos do imperador!—a ver si conseguiam descobrir o mal da linda moça. E ella a definhar...

E o ministro, o pai da linda moça doente, mostrou dezejo de ouvir «aquelle caboclo velho que era deputado pelo Maranhão».

Os médicos do imperador sorriram e murmuraram:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

—Um curandeiro. Não sabe nada! Nem siquer um *apoiado* dá na Câmara...

Mas o ministro insistiu. E elle foi. Chegou, de mãos atraz das costas. Saudou, com a cabeça, muito de leve, o ministro e os médicos do imperador. Fitou longamente a moça. Perguntaram-lhe si não a examinava.

—Não é preciso—, respondeu.

E receitou: óleo de rícino e mastruço.

E explicou:

—Ella tem vermes...

Riram-se os médicos do paço imperial.

—E' um caduco,—comentou um.

Mas a linda moça doente quiz tomar o remedio.

—Porque não?—, raciocinava ella.

Si os outros não lhe davam um remédio!...

O ministro concordou, e a moça no dia seguinte estava bôa.

Depois, era uma pobre preta que passava e que elle salvou, sangrando-a em plena rua, sem lhe dizer uma palavra, enquanto ella, atónita, estendia á lanceta o braço que elle puchava. E foi só depois de a sangrar que lhe perguntou si ella tinha ou não sintomas precursores de um mal que vinha e que ella apenas começava a sentir...

Era, ainda, um homem que passava por uma farmácia e ao qual elle mandava acompanhar pelo caixeiro, porque não chegaria á caza. E mal punha o homem os pés na calçada, tombava.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

banhado em sangue, com uma aneurisma rebentada...

E assim por diante, bordando lendas sobre fatos em parte verídicos, deram ao velho médico um prestíjio de oniciente.

E tão grande era que apagava o do político, em torno do qual havia verdadeiros fanáticos pelo seu valor de chefe. Para estes podia ser o «conselheiro Maia», o revolucionario da França, o dicipulo de Orfila, o político, o chefe.

Para o povo era «o doutor Maia».

Era o «doutor», o «médico», sobre tudo, antes de tudo. Era o homem que conhecia e curava todos os males.

Afinal, já velho, trôpego, paupérrimo — que nunca o dinheiro lhe sobrou das depezas da politica e das esmolas que fazia—afinal já não saía quaze de caza.

Foi então que meu pai me disse um dia:

—Queres ir comigo á caza do velho Maia?

Disse que sim. Fui. Ao subir a escada, que me recordo bem de ser larga e escura, sentia esfriarem-se-me as mãos.

Meu pai anunciou-se. E veio um recado: que entrasse para o quarto.

Lá estava o velho Maia, de barba crecida. A custo pôde sentar-se á rede em que estava deitado. Estendeu a mão direita a meu pai, acariciando-me com a outra.

E então dezenrolou-se diante de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

mim uma cena que nunca mais se me apagou da lembrança.

O velho Maia, com uma ligeira tremura na voz, disse a meu pai que o mandára chamar para que elle conversasse com Benedito Leite e lhe arranjasse um emprego.

—Estou velho, pobre, meu amigo Não posso mais trabalhar... Não aprendi a guardar... Que quer?...

Estarrecido, voltei-me para meu pai. Não soube o que elle tinha. Nunca lhe tinha visto a fizionomia transtornada assim. Estendeu a mão ao velho Maia e eu vi molhados os olhos de ambos.

—O senhor é o nosso chefe. Ordena. Ha de se arranjar...

Saímos. Na rua, meu pai murmurava a cada momento:

—O Maia pedindo um emprego!...

Depois, parando e pondo-me a mão sobre o hombro: — Viste aquillo? Pois bem: ganhou rios de dinheiro, teve o Maranhão nas mãos... Triste velhice... Triste, mas nobre!

E foi essa a única vez que eu vi «o doutor Maia».

Velho, na sua pobreza, de mãos trémulas, parecem-me ainda maior «o doutor Maia» da lenda.

Era o homem que ganhára rios de dinheiro, que tivéra o Maranhão nas mãos, e que, pobre, pedindo, quando aliaz podia exijir em nome de tudo o que tinha sido no passado, aparecía aos meus olhos de adolecente, crecendo ao lado do outro, ao lado do médico das curas ma-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ravilhozas, homérico na vicissitude, pedindo apenas trabalho quando recebera e semeára mancheias d'oiro e de graças.

E nunca mais o esqueci, nem nunca mais lhe esqueci a limpa velhice, mais branca que os seus cabellos alvos, na pureza daquella honestidade, diante da qual se tinham curvado adversarios e inimigos e que, então, como provação última, aparecía ordenando trabalho quaze impossivel a quem pendera a fronte cojitando no alívio de males alheios, e fatigára o braço batalhando pela grandeza da sua terra, e tornára trémula as mãos de tanto fazer bem... .

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Benedicto Leite

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Foi este amor pela vida agitada da imprensa que me aproximou de Benedicto Leite,—um dos maiores amigos que eu tenho tido na vida.

Aos 11 anos de idade fundára eu um jornal. Chamava-se... *A Violeta*, e era impresso... a escova.

Mais tarde, eu e outros criàmos *O Estudante*.

Ao sair do Liceu, e rezolvido a não ir mais para a marinha, meu primeiro anélo de adolecente, carreira da qual minha mãi me afastou, no medo que as mãis teem das ondas quando os filhos yão andar pelo mar, rezolvera-me ir para o comércio, fóra da clara e arejada S. Luiz.

Tinha eu então dezeseis anos.

Era, porém, em maio, e eu somente seguiría ao cair do ano.

Que fazer aquelles oito mezes?

Toda me pedia a vontade que me

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

atirasse a um jornal a valer, á imprensa a sério.

Tinha a escolher entre a *Pacotilha* e o *Federalista*, orgãns — aquelle da opozição, e este dos situacionistas.

Nada me separava do primeiro, nada me prendia ainda ao segundo. Que naquella idade ainda não se é político.

Meu pai, amigo dos segundos, afastára-se da atividade partidária, recolhido á doçura do seu lar e á sua faina pezada de juiz.

Eu podia, pois, escolher um ou outro jornal para publicar — aliaz o que ?—versos e fantazias.

Era, porém, *O Federalista* orgam do partido de que Benedicto Leite era chefe. E tanto bastou para que o escolhesse, tanta admiração me inspirava elle.

Diariamente publicávamos versos, o Agostinho Reis e eu.

Quando dei por mim estava fazendo politica... antes de me nacer o buço.

Pouco depois, Benedicto Leite, por intermédio de dois amigos comuns, me oferecía uma colocação. Não aceitei. Logo a seguir, outra, provizoria: entregava-me, para iniciar, o serviço de redação dos debates do Congresso Estadual, de que era prezidente, Acceitei. E, ao embarcar pára o Rio, a bordo, fez-me tomar o compromisso—eu tinha dezoito anos—de que aceitaria a delegacia de polícia da Capital, cujo serviços queria reformar. Aceitei, ainda, mas com a condição de que seria por pouco, porisso que

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ao fim desse ano eu sairia do Estado. Sorriu e concordou.

Ao fim do ano, ao voltar elle do Rio, fez-me Secretário do Estado. Eu tinha mais um ano, apenas, de idade. E fiquei no cargo seis anos, a servir com dois governadores, do qual foi elle o último, e com trez vice-governadores. Ao pedir demissão, para opôr-me ao concurso de um cartório, exijiu um novo compromisso meu: aceitar outro posto de confiança logo que me fosse oferecido. E esse posto foi um lugar no Congresso Estadual, onde, como em toda parte, o servi sempre com todas as minhas atividades, e afeição, sem hezitar um momento, sem me arrepender uma só vez.

Por muito pessoais, por demais relativas ao méu *eu* que estas notas pareçam, é precizo que ellas aí fiquem, dizendo como eu me aproximei de Benedicto Leite, o político maranhense do passado que mais amou o Maranhão.

—

O estadista, o chefe, o político, o majistrado, o parlamentar, o jornalista, o homem público, o homem conhecido no senado da República por «senador austero»,—não havia quem o não conhecesse.

Mas Benedicto Leite íntimo, no recesso do lar feliz e tranquilo, esse foi conhecido de poucos. E nesse número eu tive a ventura de estar.

Só esses é que lhe conheceram

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

toda—ou talvez ainda não toda—a grandeza do coração. Porque Benedicto Leite, mesmo no íntimo, apenas ao lado da pouca gente que privava na intimidade da sua familia, a que idolatrava, mantinha aquelle ar de altivez e aquella *pose* natural que lhe granjearam fama de homem «sêco», quando elle era, talvez mais que tudo, um afetivo...

Quanta vez—quanta!—eu o vi, deitado para traz, na sua cadeira de rodízio, em palácio, chocando os saltos das botas, tamborinando nervozamente na meza de trabalho, contraíndo violenta e rapidamente os cantos da bôca, ou a arrancar películas dos dedos até pô-los em sangue, d'olhos brilhando duramente atravéz das lunetas.

Quem o visse assim, di-lo-ía irritado naquelle momento. E muita vez era a cojitar em alguem que era preciso demitir, mas que elle não tinha corajem de o fazer. Porque Benedicto Leite nunca assinou uma demissão. Parecia irritação, e era apenas piedade...

Conhecia profundamente os homens. Tinha o hábito de fitar o interlocutor ao ponto de o incomodar. E embora cada vez os conhecesse mais ingratos, mais pérfidos, aos homens, não deixava de ser o mesmo que era: um bondozo, oculto atraz do senho franzido.

Ficou, linhas atraz, uma referéncia ao seu amôr pelo Maranhão. Sabia-o toda a gente pelos seus atos públicos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Sentiamo-lo nós, os seus íntimos, por outros atos, que revelavam naquelle homem superior, alheio ás coizas fúteis, um traço novo: a quaze puerilidade a que chegava o seu aféto pela terra natal.

Logo se percebia como elle se sentía bem quando um estranho, ou um qualquer jornal de fóra, fazia uma referencia elojioza ao Maranhão. E não somente quanto ao Maranhão do momento, progredindo ao seu impulso, mas tambem ao Maranhão do passado, ás suas glorias que se foram.

Trabalhava o dia inteiro, sem repoizo. A' noite muita vez acordava e ia tomar nota de um serviço a fazer.

Uma vez por outra, raramente, recolhia mais cedo ao quarto, para descansar um pouco, a conversar com dois ou trez íntimos.

E na maioria dos cazos ainda era para trabalhar.

Nessas horas, tinha um feitio novo. Quaze sempre de *robe-de-chambre*, a embalar-se numa rede, da qual, de momento a momento, estendia a mão para um prato de frutas, sempre próximo, era outro. Contava pilhérias, desfiava anedotas, ria, fazia rir.

Mas ali, nesssa camaradajem estreita e sinjela, mesmo a nós outros, os seus mais íntimos amigos, infundia tanto respeito como á meza do Congresso, de cazaca, dando solenemente conta dos atos do seu governo, na leitura das mensajens modelares que deixou.

Era a sua inteiriça e alta linha mo-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A PUBLICA
ARANHÃO

Souzandrade

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quem não conheceu, entre nós, Joaquim de Souzandrade?...

Esteve o velho republicano pela América do Norte, onde, com José Carlos Rodrigues, escrevera *O Novo Mundo*.

E *americanizou-se*. Escanhoado escrupuloza e meticulozamente, com a cabeleira grizalha a cair sobre os hombros altos, tinha o velho poeta a aparencia austera dum varão da independencia americana.

E, de então, a sua existencia passou entre dois ideais: os seus versos e a República no Brazil.

Com o 15 de Novembro fizeram-no prezidente da Intendencia da Capital, e o seu primeiro ato foi pôr á Praça da Cadeia o nome de Bolivar. E nunca mais perdoou á Intendencia que se seguiu a substituição do nome do heroi sul-americano pelo de *Justiça*, dado á praça.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A 15 de Novembro de 1890, quando os páus d'arco, que então ensombravam as nossas praças, se vestiram, como em todos os fins d'ano, da sua alegre floração de zarcão e d'oiro, o velho poeta saudou a Deodoro num telegrama que dizia apenas: — Páus d'arco em flôr.

E explicou-me uma vez o seu simbolismo: é que o Maranhão, até nas árvores, se engalanava para festejar a República...

E era ella a República um dos seus mais queridos sonhos.

Indo ao Rio, visitou Prudente de Moraes, seu velho amigo, então Prezidente da República, e,—contou-me depois,—aconselhava-o todos os dias que transferisse a rezidencia prezidencíal para uma outra caza, retirando-a do Itamarati, saturado de ar aulico, cheio de bacilos de monarquismo.

Que alegria quando viu a rezidencia oficial do chefe do Estado transferida para o Catête!...

De uma feita pediu-lhe uma senhora que lhe escrevesse um pensamento, qualquer coiza, num album. E elle escreveu:—A Repùblica é uma menina bonita, diamante incorruptivel—. E repetia sempre, sempre, essa fraze, na sua fina e lenta voz, espremida entre os dentes sempre cerrados.

Paupérrimo já, começou a demolir os muros da sua quinta, a quinta *Victoria*, vendendo as pedras.

—Estou a comer pedras,—disse-me sorrindo uma vez.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Fê-lo, então o governo, lente de grego do Liceu. Ao chegar ao estabelecimento, que funcionava ainda á rua Formoza, e ao ver o estado em que se achava o velho edifício, foi, antes mesmo de dar aula, ao gabinete do diretor, oferecer os seus ordenados para os concertos de que carecia o prédio.

E isso em época em que estava a vender os muros da sua quinta para comer!

O seu último sonho foi a fundação de uma Universidade no Maranhão, a Nova Atlantida.

Quando, pela terceira ou quarta vez, anunciou a instalação da Universidade, disse-me na secretaria do governo, onde me foi procurar:

—Tu vais ser o professor de direito público constitucional.

—Eu?! Olhe que não sou formado...

—Na República não se olham essas coizas. Has de ser... E o teu primeiro aluno será o F.—F. chegára formado em direito havia pouco.

E não havia nisso malícia, de que era incapaz a sua alma pura de sonhador.

Escrevia elle então para *O Federalista* e mandava-nos os seus artiguetes escritos invariavelmente com tinta vermelha em minúsculos pedaços de papel.

Eram coizas dum simbolismo nebulozo, onde, não raro, luzia um lampejo de génio. O diretor da folha

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

mandava-os publicar na seção *Ditos e lérias*, racolta de pilherias de almanaque:

E elle sorria lizonjeado.

—O meu amigo, — dizia—, gosta tanto dos meus artigos, que os põe entre as publicações de deleite...

Era que, incapaz de uma troça, julgava os mais assim.

Mais de uma vez ouvi-o referir-se com certa acrimonia á cidade de Lisbôa. Perguntei-lhe um dia porque era aquillo.

—Eu te explico,--disse-me elle. Em Lisbôa, uma ocazião, fui ao telégrafo, e, ao ler o meu nome no despacho que lhe entregára, descobriu o telegrafista—patife! — que *Souzandrade* tem onzè letras!—Patife!... Respondi-lhe que o nome do imperador delles tinha doze: *Pedro Segundo*...

—Mas Pedro II não era delles...

—Era, sim. Foi um micróbio imperial, de papo de tucano, deixado aqui pelo Pedro I, micróbio real de costeletas, que o João VI deixou... Patife!

D'outra feita, indignado, queria que eu, em *O Federalista*, incitasse o povo a quebrar, a pedra, os dentes dum sujeito que fizera um furto.

E, no entanto, a maior violencia de que era capaz era...chamar *patife* a alguem.

Além das aulas de grego do Liceu, dava outras, na sua quinta. Dava-as, porém, sob os grandes tamarindos, *sub tegmine fagi*, como os filozofos antigos,—dizia.

Essas falhas são as mesmas que ha

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

nos seus admiraveis livros de versos. Quando, lendo-os, mais está a gente preza ao encanto e á doçura do seu rútilo estro, veem, de repente, uns versinhos, que quebram a grande e sonora harmonia, e resvalam para coizas assim:

Damas da nobreza falam:

Não perciza oprendê
Quem tem preto p' herdá,
Escrivão p' escrevê.
Basta tê
Burra d'ouro e cazá.

Assim é que elle era.

Para os que o conheciam e lhe conheciam o valor, era um erudito, um douto, um sábio.

Para os nécios e para muitos dos que o não conheciam, um louco.

Grande e velho amigo, em quem não conheci uma só maldade !...

Hão de me ficar sempre na lembrança as vizitas que, invariavelmente; me fazia ás quintas-feiras. Entrava rizonho, num amanho e num apuro que não desmanchou nunca mesmo na época de quaze mizeria a que chegou.

Conversava uns minutos, de pé, e, depois de florir o *croisé* com uma roza branca, uma *alba-candidissima* de que havia um pé no jardim, saía com o mesmo sorrizo, o mesmo passo lento, para a sua *Victoria*, a sua quinta já quaze sem muros, onde morava só, entre o marulho do mar e o sussurro dos tamarindeiros e bambús...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Paula Duarte

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO MARANHÃO

Foi Paula Duarte um desses tipos que ficam na memória dos homens, envolvidos numa vaga e esgarçada névoa de bruma, e que apoz si deixam inevitavelmente uma trama de lendas, que os anos e as gerações inevitavelmente tecem.

Orador, ou melhor, tribuno de feitio romántico, abolicionista e republicano em época em que o ser era cobrar rubra fama de demagôgo, exerceu influencia sobre as multidões como talvez ninguem antes delle no Maranhão o conseguiu.

Pálido, de barba á nazarena, esguio, precizo no gesto, afinando a voz pelo gráu de emoção que lograva perceber nos ouvintes, era o orado querido das massas populares, o tribuno feito para bradar das sacadas nos momentos históricos.

Era um dezorganizado na vida. Era um boémio.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Si metodizasse a existencia, si estudasse, si lesse, si trabalhasse a sério, teria sido—quem sabe ?—um grande estadista, um grande jurisconsulto, um grande político. Não teria, porém, o prestíjio que teve perante as multidões, das quaes dispunha ao sabor dum capricho, e ao poder da palavra inflamada.

E' que as multidões não admiravam nelle somente o tribuno, mas tambem o boémio, o dezordenado, o dezorganizado, amando forte o gôzo, vibrando alto as paixões, querendo, sentindo, pensando e dizendo sem atilhos e sem mêdo ás convenções.

Conhecia admiravelmente o momento psíquico do auditório, assim como o momento psíquico do meio social em que vivia.

A ver:

Foi pelas festas da proclamação da República. Passava ainda nas almas o bafo cálido da emoção que fez e glorificou o 13 de maio.

Mal jogada por terra a monarquia,—travão ferrujento que retardou por mais de meio século a evolução no Brazil—,a alma popular, excetuado um ou outro que a politiquice explorou, saiu para a rua, a gritar o seu júbilo, levando á frente os que, em *O Globo*, jornal de Paula Duarte e Casimiro Junior, fizeram a propaganda no Maranhão.

Num desses dias Paula Duarte falava pela quarta ou quinta vez. Era num dos terraços do quartel do 5º de infantaria. Estava ao seu lado

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLI
do
ESTADO DO MARANH

o general Tavares, então major e prezidente da junta governativa, de que Paula Duarte fazia parte. Paula falava. A multidão ouvia-o entre quêda e entusiasta. Paula Duarte, que se tinha excedido um tanto nas libações essa tarde, cambaleou. Passou uma rizóta pelo populacho, e Paula passou o braço sobre o hombro do major Tavares, a apoiar-se, para não cair. Nova rizóta. E elle, prevendo o ridículo, bradou para o populacho, mostrando-se e ao companheiro em que se apoiava: «O povo abraçando a espada, eis a República!» Uma salva de palmas estalou unízona, cerrada.

De outra feita, falava no júri. Era uma cauza difícil que defendia. Travava-se, porém, no Maranhão luta ferrenha entre o clero e os seus adversários, os quais tinham, respectivamente, como organs na imprensa, *A Civilisação* e *O Pensador*. Simpático aos segundos o seu constituinte, nada tinham os primeiros a ver com a questão. Era, porém, precizo tornar a cauza simpática, e Paula Duarte arrancou aplauzos e a absolvição do acuzado, encaixilhando habilmente na defeza «o sensual monarca luzitano que apoiva a fronte no cólo farto e ebúrneo da abadessa de Odivelas».

Veiu a Republica e toda a gente supôz que Paula Duarte, membro da junta governativa, cheio de graves responsabilidade, mudaria o seu feitio de até então.

Nunca o mudou. Uma tarde saíra

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

de palácio em companhia do seu companheiro de junta, o capitão do porto Monteiro da Silva. Em frente parava um bonde, e Paula Duarte indagou ao cocheiro para onde ía o veículo.

—Para os Remedios...

—Siga para a Estação,—retrucou Paula.

—Mas, *seu* doutor,—gaguejou o cocheiro.

—Para a Estação!...

E lá seguiu o bondinho até á frente da chácara *Saudades*, onde rezidia o tribuno. E aí, ao saltar, voltando-se para o cocheiro:

—Agora tóque para o Cutim. Vá levar o *outro governo* á caza...

Quando terminou o governo da junta, chamou alguem a atenção de Paula Duarte para atos que não abonavam a ponderação administrativa dos efémeros governantes, entre os quaes estívera elle:

—Que queres, rapaz? Eu estava entre e a espada á ignorancia, e limitei-me a salvar a gramática...

Tinha o ardorozo tribuno uma velha conta com o seu fornecedor de pão. Nunca chegavam a um acôrdo sobre o *quantum* do débito. Um belo dia, logo depois da República, o padeiro procurou em caza o inflamado membro da junta governativa. E pôz-se a desfiar toda a lenga-lenga que fôra, de certo, a urdir pelo caminho,—rêde hábil com que pretendia pescar os mil réis ariscos do tribuno. E começou. «Que o *seu* doutor tivesse paciencia. Mas a continha já estava antiga. E

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

não era pequena... O *seu* doutor, que agora estava feito governo, bem podia pagar... Si não,—desculpasse, mas era obrigado a isso,—si não, suspendería o fornecimento...»

E Paula Duarte, afivelando ao rosto um aspéto truculento, engrossando a vóz e tomando *pôse* trájica, creceu para cima do credor:— «Amanhã, quando o sól doirar as fimbrias do horizonte e o passarêdo cantar nas árvores do meu quintal, si o pão não estiver aqui na porta, ai! de ti, portuguez!...»,—esmurrando furiozamente a meza que tinha em frente.

O padeiro sumiu-se. E, ás cinco horas da madrugada seguinte, Paula Duarte acordava ao som de uma vóz muito sua conhecida, que, da rua, anunciava alto, mas respeitozamente: «Olha o padeiro!...»

Um artista habilissimo atacára certos atos, aliaz muito censuraveis, da junta.

Paula mandou chamá-lo e inqueri-o em voz estentórica como se atrevera a tanto.

—Eu pensei...—começava a defender-se o interrogado.

—Já viste negro pensar?! E's besta, negro, roubaste de autores, e vais para a cadeia!...

E, depois do homem sair prezo, voltando-se para o chefe de polícia, quera era Casimiro Junior:

—Casimiro, quando elle te definir que é pensamento, sólta-o...

Na monarquia, moço ainda, foi deputado. Na Cámara, elle, que desde

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

a Academia se afirmára, fez logo reputação. Velhos e ilustres companheiros de seu pai, o dezembargador Viriato Bandeira Duarte, que tinha, na mesma caza do parlamento, conseguido grande notoriedade, como autor dum projéto supressivo da pena última, referiam-se com entuziasmo ao «filho de Viriato».

Então, era ainda o «filho do Viriato». Depois, o dezembargador Viriato é que foi, e será sempre, para o futuro, «o pai de Paula Duarte».

Proclamada a República emigrou para o Rio, aonde o chamava Campos Salles, seu companheiro em S. Paulo e seu colaborador, quando estudantes ambos, na novela intitulada *Romance de um moço rico*. Foi ser redator dos debates no Senado. E nada mais foi, além do tribuno que era, e que, mesmo lá, já velho e alquebrado, ainda lampejou.

Eis aí, em largos traços, esbatidos de esfuminho, o que foi o lucilante tribuno e ardente chefe dos republicanos históricos do Maranhão, em torno de cuja forte e bem talhada individualidade fulgiu um amplo hálo de fama.

E essa luz hade lhe continuar a iluminar o nome, anos além, mas coalhando-se de lendas, á proporção que os anos se amontoarem sobre elle. Porque, para os homens assim, as lendas são como a sombra das coizas, que se alastra e se adelgaça á proporção que a tarde cái, lenta e nostáljica...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Gomes de Castro

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Gomes de Castro

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Foi Gomes de Castro um homem que conseguiu ser o tudo que foi unicamente pelo seu valor próprio, pelo seu próprio esforço.

Formando-se em direito como empregado da tezoiraria de fazenda, na monarquia foi promotor público, foi membro da vereação da Capital, da assembléa da Província e da cámara do Imperio, foi sempre deputado geral, foi prezidente da cámara, foi conselheiro, foi várias vezes prezidente de provincia, foi, aos 37 anos, nomeado ministro da marinha no gabinete Rio-Branco, e não aceitou a pasta, foi, depois, chamado, por cinco vezes, para outras pastas, que igualmente não quiz, foi chefe de um partido imenso, e era, com Ruy Barbosa, Ferreira Vianna, Joaquim Nabuco e Andrade Figueira, no dizer justo de Affonso Celso, um dos cinco grandes

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

oradores dos últimos anos do Imperio.

Na república recuzou de novo ser ministro e foi senador federal, eleito por um partido que lhe ofereceu a cadeira sem compromissos.

Não é, porém, sob nenhum desses áspectos que aqui se projeta a sua silhueta.

Passa aqui apenas o humorista, o homem da réplica pronta, no que ninguem ainda o excedeu.

Bastam os fatos que vão a seguir.

Distanciára-se um tanto João Alfredo do chefe supremo dos conservadores, barão de Cotegipe.

Com este ficaram Paulino, Gomes de Castro e outros grandes vultos do partido.

Orgulhozo como é, falava João Alfredo na cámara e, referindo-se ao reprezentante maranhense, disse:—«O sr. Gomes de Castro, que se separou de mim...»

E este, pronto:—«E porque não foi v. exc. que se separou de mim?»

Falou aí o seu orgulho indomavel, que não se curvou nunca a conveniencias, fossem quais fossem ellas.

De uma feita havia em caza do conselheiro Paulino uma reunião dos chefes conservadores então na Côrte.

Fazia pouco que o dezembargador Pontes Visgueiro, que era alogoano, assassinára Mariquinhas, maranhense, tendo por cúmplices um cearense e um piauhiense.

Estava na reunião o conselheiro Cruz Machado, visconde de Serro-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Frio, que do Maranhão havia sido, como prezidente de província, corrido a foguetes que levavam amarrado um pedaço de *baêta*, alcunha do visconde.

Quando Gomes de Castro entrou, já o salão regorjitava. E Cruz Machado, que não perdoava ao Maranhão as suas manifestações hostís, recebeu-o assim:

—Então, conselheiro, só mesmo na sua terra se daría um fato como aquelle de Pontes Visgueiro...

—Lembro-lhe, porém,—retrucou o chefe maranhense,—que a minha terra forneceu unicamente a vítima.

Por mais hilariante que fosse uma pilhéria, Gomes de Castro a fazia com tal seriedade como si não pretendesse, com ella, fazer rir.

—Conversava com elle um bacharel novo, que não primava pela exatidão da prozódia, e, referindo-se a certa desconsideração que lhe haviam feito, exclamou:

—Isso *indiguína*, conselheiro!

E Gomes de Castro, seriíssimo:

—*Indiguína* mesmo, sr. doutor...

Doutra vez era um sujeito que se queria empregar. E começou a explicar como queria o emprego. «Um lugar com vagares, sem canseira... Estava velho, precizava descansar... Um lugar sem certas responsabilidades, sem exijencias de comparecimento assíduo... Sem fiança! E, sobretudo, com bons vencimentos, que dessem para passar sem apertos, com

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

certa decencia... O primeiro que aparecesse em tais condições...»

E Gomes de Castro, depois de circunspectamente o ouvir:

—Eu lhe digo. O primeiro, não garanto, mas o segundo que aparecer é seu. Póde ficar certo...

—Mas porque o primeiro não?

—A' ! porque esse será meu...

Houve um prezidente da Provincia que, por uma especial antipatía contra Gomes de Castro, ou por outro motivo qualquer, o contrariava sempre, em todos os atos, na mais pequenina coiza.

Gomes de Castro jurou vingar-se.

Foi para a cámara.

Durante a sua estada no Rio, nada. Embarcou de volta e nada, ainda, constava.

Quando chegou, estava em pleno apojèu a festa dos Remédios.

Ao dia seguinte, lá foi, com o seu estado maior político.

Na rua principal, em uma fila de cadeiras bem á frente, estava o prezidente, rodeado de palacianos. Gomes de Castro tirou respeitozamente o chapéu.

O prezidente, com um arzinho de mofa, acenou, sorridente com a cabeça. E assim na noite seguinte, e na outra, e na outra...

Terminada que foi a festa, Gomes de Castro encaminhou-se para palácio, sozinho, a pé.

Ao ser anunciado o seu nome, houve um espanto na roda governamental.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Gomes de Gastro entrou, apertou a mão de cada um dos circunstantes e, voltando-se para o prezidente, murmurou:

—Eu vim saber quando quer v. exc. entregar-me a administração . . . Fui nomeado prezidente da Província e dezejava assumir o governo. . .

—Mas a nomeação ?

—Está aqui. Trouxe-a do Rio.—E sacou um oficio do bolso.

—Nesse cazo, si v. exc. a trouxe, —indagou o prezidente,—porque não a aprezentou logo que chegou ? . . .

E elle, com o seu fino sorrizo sarcástico, que retalhava como um gume de navalha:

—E' que eu quiz que v. exc. gozasse, na festa dos Remédios, dos esplendores do cargo . . .

E, como essas, quantas! De Gomes de Castro parlamentar muito ha que escrever. Inúmeros são os seus triunfos. Não se propõem, porém, a isto estas pájinas, que rejistam aspéctos íntimos e traços pouco conhecidos de vultos do Maranhão de outrora.

Cabe, porém, aqui, um fato da vida de Gomes de Castro, embora não tenha essa feição de ironia mordente e de humor cortante, que tanto caraterizam a individualidade do grande parlamentar.

E' o seguinte:

Muitos dos chefes do seu partido no interior escreveram ao seu filho Francisco, o notavel criminalista Viveiros de Castro, oferecendo-lhe uma

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

cadeira na reprezentação da Província na cámara.

Uma noite, para organização da chapa, reuniu-se o diretório conservador em caza do velho chefe, e deu conta das cartas o seu destinatario. E a junta diretora do partido toda apoiou a indicação.

Depois de ouvir a todos, Gomes de Castro voltou-se para o filho e disse:

—Meus parabens. E' uma grande honra. E merecida, desculpem-me a vaidade de pai . . . Eu, porém, é que não posso continuar na chapa . . .

Houve um espanto em róda.

—Porque,—continuou elle,—ninguem acreditará na seriedade dum partido que, entre seis deputados, manda pai e filho. . .

E Viveiros de Castro retirou a sua candidatura. Esse ato do seu filho mais o encheu de orgulho do que a aprezentação para deputado.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO

Palmerio Cantanhede

BIBLIOTHECA PUBLICA DO MARANHÃO.
N.
DOAÇÃO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Um homem prático, — diziam uns.

—Um sonhador,—afirmavam outros.

Nem uma nem outra coiza. Ou ambas as coizas ao mesmo tempo

Era, como toda a gente, o homem que a ironia vagamente pessimista de Cervantes talhou: o cerebro-e-untos, equilibrado entre o boim senso e o sonho rodopiante e branco, tal como as antenas irrequietas dum moinho, triturando o trigo da idéa para o pão da alma...

Com o seu todo de «*gentleman* loiro», com o seu feitio de *lord* erudito e um tanto *yankee*, tinha muito estreito o círculo dos amigos.

E esses mesmos, e mesmo nós, tínhamos a cada passo uma surpreza a seu respeito.

Consideravam-no um prudente em questões financeiras, um hezitante,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Depois, foi alargando o plano. Erguia-se do outro lado uma cidade como Brooklin. A velha S. Luiz sería, então, ligada a ella por uma ponte, metálica, imensa, fortisssima, supportando toda uma multidão, todo um mundo de automóveis, de ónibus, de carros, enquanto por baixo passariam esquadrilhas de paz, levando e trazendo fortunas enfardadas, e esquadras de guerra, levando, lá para lonje, o renome dum grande pôvo e a fama duma grande terra...

Isso é o que elle era. E o que era elle, mostra o fato seguinte:

Estava para chegar Coelho Netto. Preparava Antonio Lobo os festejos de recepção do grande artista da Fórma, e procurou a Palmerio Cantanhede. Disse-lhe a que ía. E elle, num gesto que traduzia, apenas, uma atenção pessoal para com a vizita, pediu a lista e assinou cinco mil réis!

Do dia seguinte em diante, depois de ouvir falar ao extraordinario mestre da palavra, não mais deixou de correr a escutá-lo. E quando soube que Antonio Lobo recorria de novo aos admiradores do lucilante escritor, foi elle quem o procurou, levando-lhe, expontaneamente, duzentos mil reis e a oferta de tudo mais que precizo fosse para as festas ao rútilo tribuno.

E havia, no mundo exterior que o cercava, um pequeno trecho que dizia bem o seu mundo interior. Era a sua larga, pezada, sólida meza de trabalho.

Viam-se ali, amontoados,—mapas,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

plantas, cadernetas, instrumentos, caixas, réguas, amostras de minérios, todo um material de trabalho prático. Mas via-se tambem, em frente á pasta, um minúsculo Barbediene que lhe custára cinco mil francos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLIC
do
ESTADO DO MARANH

Almir Nina

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
DO
ESTADO DO MARANHÃO

Quem o visse, de cenho franzido, torcendo e mordiscando o bigode cheio e grizalho, de ventre saliente, a bolsa dos ferros á mão, no seu carro, ou delle se aproximasse e lhe ouvisse a voz grossa e levemente anazalada, avançando e recuando, hezitante na emissão da palavra, di-lo-ia, no primeiro cazo,—um orgulhozo, um envaidecido, um *poseur*, e, no segundo, —um covarde, um entibiado na grande campanha da vida.

Nada disso. Era um sinjelo por feitio, um bom por natureza, um forte sem o querer, um intelijente sem dar por isso, um culto sem o perceber.

Um dia eu lhe disse que toda a gente o tinha por orgulhozo. Espantou-se. Depois, sorriu. E, numa larga franqueza, confessou que aquella fama o incomodava.

—Pois não sou culpado!— acre-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

centou, torturando o bigode rebelde. Si o não era ! Bem o sabia eu !

Como todo bom, tinha um carinho imenso pelos fracos, pelos pequeninos.

Médico, fez-se especialista de crianças. Não lhe bastava isso, porèm. Filho de uma velha educadora, irmão de devotadissimas educadoras, fez-se educador.

Levou-o a isso o seu imenso amor pelas crianças. E quando os que lhe eram amigos deram por si, estava elle um grande pedagogo. Elle só depois deu por tal, si é que o deu.

Nunca um pobre lhe bateu á porta de médico que não corresse elle a vê-lo.

Forte, não sei de quem fosse mais.

Sabia do mal que o minava e que devia, um dia, vitimá-lo no leito, a dormir, para que o encontrassem, sereno no dezaparecimento, como sereno tinha vivido. Nunca, porém, se queixou, para que ninguem sofresse por elle no seio dos seus.

Passou na vida fazendo benefícios, sem nunca avaliar o gráu de estima imensa que o cercava.

Um lado do seu espírito que muito pouca gente conheceu foi a sua béla cultura literária.

Eu proprio só a conheci por acazo. Reuníamo-nos á noite, na Bibliotéca Pública, vários amigos de Antonio Lobo, que era então diretor desse estabelecimento. Sempre que a sua imensa clínica lhe permitía, corría Almir Nina á nossa palestra.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

De uma vez, falávamos em Stechetti quando elle entrou. E elle, despretenciozamente, com aquelles gestos simples que lhe conheceram todos, poz-se a dizer um soneto do grande poeta italiano. E outro, e mais outro... E, depois, passou a Leopardi... E foi só então que eu vi que não era sómente á literatura franceza que se estendia a sua leitura escolhida e sã.

Tinham os bons versos um indizivel encanto para elle.

Raras eram as vezes em que estávamos juntos e em que me não pedisse elle que lhe dissesse uns versos de Joaquim Belmont, o poeta que dezapareceu deixando apenas uma ou outra joia como aquella de que elle tanto gostava e que termina assim:

Pois este amor é como as delicadas
Plantas que, quanto mais são machucadas,
Mais perfumam a mão que as machucou...

—Admiravel!—dizia-me elle. Talvez que a vocês, artistas, não lhes pareçam bem achados esse «machucadas» e esse «machucou». Mas a língua não tem outro verbo para dizer a coiza tão bem... Não tem, não...—E repetia baixinho os últimos versos.

Quando decretou a Academia Brazileira a reforma ortográfica, foi elle dos que com mais entuziasmo a acolheram.

E dizia sempre:

—Só não admito que a não adote

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

quem o fizer sistematicamente, por ser coiza moderna, e, assim, não ande a vapor, não tome trem, não entre em automovel...

De uma feita escreveu um artigo para *A Revista do Norte*, e saiu uma joia. Doutra, paranifando uma turma de diplomandas na Escola Normal, onde era lente de pedagojia, fez um discurso que anda impresso em folheto e que é um primor.

Pedagogo, cabem-lhe duas obras que aí estão, utilíssimas, proveitozíssimas. Uma é o Instituto Roza Nina, o melhor estabelecimento de instrução particular no norte. Outra, a reforma da instrução pública do Estado, feita por Benedicto Leite e da qual elle foi o grande colaborador.

Mantinha com dois grandes pedagogos—Uggo Pizzoli, de Crevalcone, e Alfred Binet, da Sorbone, ativa correspondencia. E mais. François Gueux, o sábio de Lausanne, mandára-lhe o retrato, que elle tinha sobre a meza de trabalho e que retribuiu com uma sua fotografia.

Foi Antonio Lobo quem, a pedido da viuva de Almir Nina, respondeu a ultima carta deste, chegada já quando não existia o douto maranhense. E não só. Saverio de Dominicis, o sabio de Pávia, que tambem com elle se correspondia, mandava-lhe sempre os seus livros com uma dedicatória carinhoza, em que o chamava «eminente professor».

Mas não foi só como pedagogo que

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

o seu nome rompeu as malhas do círculo estreito em que vivia.

Torres Homem, o grande médico brazileiro, cujo nome é, na sua ciencia, um alto padrão de glória para o Brazil, muita vez o chamou ao Rio de Janeiro, a ir disputar uma cadeira na faculdade de medicina dali. E muitas vezes instou para que fosse ali residir, que o queria para um dos seus substitutos na clínica.

Não foi. E' que a saúde do seu velho pai o retinha na província. Que Almir Nina, o grande médico, o grande pedagogo, era filho como era irmão, e espozo, e pai: como ninguem ainda o foi mais pelo coração.

BIBLIOTHECA PUBLICA
DO
ESTADO DO MARANHÃO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLI
do
ESTADO

Euclydes Faria

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
DO
ESTADO DO MARANHÃO

Vi-o pela primeira vez á porta da igreja da Conceição, num domingo.

Decia, serena e larga, a grande luz de uma violenta manhã de estio.

Um fino e lento toque de missa, lonje, tremia no grande ar lavado e azul. Bondes passavam pejados de gente domingueira e ociosa. Quaze sempre umtom sêco de campainha vibrava em frente ao templo, e o bonde despejava a frescura leve dum traje de cambraia branca, o ruje-ruje rico dum vestido de sêda, ou a solenidade burgueza e pezada dum chapéu alto. A' porta, ria-se alto, conversava-se alto, atirava-se alto a fumaça azulada dos charutos que se queimam em dias festivos. De vez em quando aparecia uma esguia mocinha, perfilada á frente da mamãi gorda. Abriam alas. A mocinha passava, meio enfiada, meio

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

rizonha. A mamãi tufava o papo, franzia o sobrecenho e brandia um olhar de espectativa hostil.

Ao lado direito da porta principal estava, a conversar com uns dois sujeitos, um velhinho simpático, de rugas, falho de dentes. Apertava-o um terno de fráque de côr, e elle se apoiava num guarda chuva meticulozamente enrolado.

No olhar dos que passavam havia uma curiozidade mal disfarçada posta para o velho.

Elle sorria, lizonjeado.

Indaguei quem era.

—O Euclydes Faria !...—, respondeu-me espantado alguem a quem eu falára.

—Euclydes Faria...

Era elle, o poeta polimorfo que fizera as *Cartas do compadre Lourenço*, os *Retratos a giz* e as *Brizas da Amazonia*.

Já lhe conhecia os trez folhetos. Era um tipo a estudar.

Nas *Cartas*, Euclydes era o poeta dum humorismo velho, mas sadio, troçando tudo, vibrando, a propózito de tudo, o guizo d'ouro do rizo, com solecismos na fraze, mas sem galicismo na idéa. Toda uma quadra do Maranhão passado elle corría, rindo, aos olhos do leitor, atravez daquellas rimas fáceis ao sabor matuto.

Nos *Retratos a giz*, tudo era acre. Até a pilheria sabia a fel e a vinagre. Dir-se-ia, por elles, que Euclydes era um revoltado contra tudo que ha na

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

vida, da vida cósmica á vida convencional.

Nas *Brizas da Amazonia*, era outro, de sentir falseado.

Lia-se nelle, ainda, o reflexo de uma pálida geração, de melenas e olheiras, que recitára a *Judia* ao piano, que, com uma tremura de comoção na voz, lera Casimiro de Abreu, e que, pelas noites de lua, com o violão ao peito, se encostára á esquina caiada e atirara para a janella de peitoril da caza da namorada, entre dois pigarros, os versos românticos da *Elvira*, enquanto os bordões gementes soluçavam, no grande silencio e na grande paz da noite enluarada...

Eu antipatizava com Euclydes. Por uma razão: é que elle, pela *Civilisação*, quando Aluisio Azevedo publicára *O Mulato*, mandára o grande romancista «plantar batatas». Depois informaram-me do motivo que, si não justificava, pelo menos explicava a agressão. E' que no Maranhão se travava naquella época uma tremenda luta religioza, e Aluisio e Euclydes eram, respectivamente, redatores do orgam católico e do orgam seu antagónista: a *Civilisação* e *O Pensador*.

Foram o meio e a época que fizeram a agressão.

Ao sair da missa, aproximei-me, pronunciando-lhe o nome, e anunciando o meu. Abraçou-me com efuzão, todo palavras gentís.

Entabolamos conversa. Falei-lhe nos *Retratos a giz*. E elle, com um gesto meio enfadado:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

—Eu lhe digo... Aquelle livro foi um movimento de despeito, aliaz muito justificavel. Tinham-me demitido de professor dos Educandos Artífices... Sem razão, creia !... E daí... E olhe que seu pai ia sendo retratado... Depois soube que elle se tinha oposto á minha demissão, em palácio. Substituí-o por outro...

—Sei disso.

—A' ! ainda bem... Pois os *Retratos a giz* são isso, meu amigo...

Falei-lhe nas *Brizas da Amazonia.*

Fez um gesto vago e rezumiu :

—Umas coizas velhas, outras feitas ha pouco...

Não, os *Retratos* e as *Brizas* não eram os trabalhos preferidos de Euclydes... E falei-lhe nas *Cartas do compadre Lourenço.*

Todo sorriu. Animou-se. A loquela tornou-se-lhe mais facil. Riu. De vez em quando, na sua voz, passava um tom maguado de saudade. Era um retalho de passado feliz de que se recordava... Riu de novo, depois...

Era, pois, isso o que elle era, sem arrebiques, sem artificios: o humorista do velho humorismo que fez as chulas e que riu com as gerações passadas, tão franco e tão simples, e que ainda o fazia rir, a elle, dentro da sua saudade.

Euclydes era, sim, o poeta deste soneto, escrito a bordo do *Pernambuco*, em viajem do Pará para o Maranhão:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

«O jaboty mais velho e já caduco,
Que não póde mexer-se de canceira,
E' mais veloz ainda na carreira,
Que o paquete chamado «Pernambuco».

Quem viaja uma vez neste maluco
Promette não cahir mais n'outra asneira,
Afim de não levar a vida inteira
Como siry, p'ra traz, sobre o tujuco.

Como se fosse invalido perneta,
Nunca pode fazer jornada franca,
Pela carga, que leva, da mulêta.

Quem faz uma viagem nesta tranca,
Quando sae do Pará com a barba preta,
Chega no Maranhão com a barba branca!»

Isso, sim, é o que elle era.

BIBLIOTHECA PUBLICA
DO
ESTADO DO MARANHÃO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Casimiro Junior

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
DO
ESTADO DO MARANHÃO

Nunca lhe pude pronunciar o nome sem saudade. E' que as duas quadras em que mais andei pela intimidade do seu lar foram para mim das mais rizonhas do tempo que passou.

Na primeira, eu tinha a idade em que a maior aspiração futura consiste em ser...soldado, cocheiro de bonde, ou boleeiro de carro, e em que se tem sempre uma *noiva* que conta mais... quinze anos que a gente.

Na segunda, nacia-me a primeira sombra de buço com a primeira claridade de sonho...

Andáramos unidos desde a' primeira infância, eu e o seu filho mais velho, hontem o Ricardo, hoje o brilhante oficial da armada Ricardo Vieira,—hontem e hoje um grande e querido amigo.

Nos primeiros tempos — quanta

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

saudade vai em recordá-lo !—morávamos ambos nos Remédios.

Quando vinha o inverno, todo o largo se recobria de matapasto florido d'ouro. Cabras mansas retouçavam herva tenra e repontante. A estátua do poeta, tranzida de frio, sob as frias bátegas d'agua, na sua fria capa de mármore, olhava o mar.

Por traz, dentro da ermida dos Remédios—tão diferente da de hoje, e tão simples, e tão pitoresca !—uma luzinha d'azeite tiritava aos pés da Santa. Lentejoilas e pedras, bordando a túnica branca da Virjem, batidas da luz escaça que entrava pela janelinha de grade, tambem tremiam.

Em torno do monumento de Gonçalves Dias, quando uma lufada maior passava, as palmeiras contorciam-se bracejavam, lutando contra o vento.

Depois, vinha o estio. Secavam os matapastos. Dezapareciam as cabras. Um bando de crianças, á tarde, enchia o largo de rizos e de correrias.

Foi num verão assim que o filho de Casimiro Junior e eu nos fizemos proprietários... de um circo. De um circo, sim ! Funcionava no quintal da minha caza, tinha bilhetes gratis escritos a mão e possuia um material vastissimo: um carneiro, um trapézio e um chicote... Havia vítimas: o carneiro e as cóstas dos artistas, que eramos os dois emprezários. Eram instrumentos de suplício: o chicote, para o carneiro, e o trapézio, para nós...

Com que carinho la Casimiro Ju-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

nior assistir ás nossas reprezentações. Cultor apaixonado do exercício físico, tinha verdadeiros entuziasmos infantís pela nossa ginástica...

E é assim que a primeira impressão sua me aparece na lembrança.

Houve, então, o hiato de alguns anos de separação.

Quando de novo nos encontramos os dois amigos, já ríamos superiormente do que havíamos então querído ser. Si nos falássem no circo, coraríamos.

Casimiro Junior, governador, habitava palácio. Aí nos ensinou, elle proprio, a atirar a revólver e a carabina.

Foi então que cojitamos fundar uma sociedade de letras: o Gremio Literário Estudantal Maranhense, com ainda mais um dos dois qualificativos, creio eu.

Casimiro Junior exijiu logo do filho que as reuniões fossem em palácio, num dos seus apozentos particulares. Era um meio de nos ter um pouco prezos. Fundou-se o clube. Eu fui eleito orador. No dia da sessão solene, prezentes os sócios e alguns convidados, todos nossos colegas do Liceu, íamos principiar a sessão quando chegaram trez espectadores novos: Casimiro Junior, monsenhor Mourão e o oficial de gabinete Nogueira Lima.

Enfiei de véras com a história. E tive de fazer o discurso, de orelhas a arder, encabuladíssimo.

Ao terminar a sessão Casimiro Ju-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

nior veio a mim e aconselhou que eu falasse mais compassadamente, sempre que falásse.

—E mais alto,—acrecentou monsenhor Mourão.

E neste vezo de andar sempre a fazer discursos, nunca me esqueço dos dois conselhos.

Por esse mesmo tempo nos lembrámos, no Liceu, de pedir um uniforme ao governo. E foi a palácio uma comissão, da qual eu fiz parte. Casimiro Junior não só acedeu ao pedido, como o acolheu com entuziasmo, dando o plano da roupa e encarregando-nos de mandar organizar o figurino.

Vizitava frequentemente o Liceu. Assistia ás aulas, aos exercícios ginásticos, indagava das notas obtidas, metía-nos em brio, dava-nos todo o auxílio ás nossas festas. Era um ídolo dos estudantes do Liceu.

Tudo nelle nos entuziasmava: a sua intelijencia pronta e brilhante, as suas maneiras fidalgas, o seu modo franco, o bem que dansava, o culto pelo músculo, e, principalmente, a para nós dupla auréola de poeta e de propagandista da República.

Quando, depois de deixar o governo, partiu a assumir o seu cargo de consul geral em Londres, d'onde não voltou mais, o Liceu em pezo lhe foi ao embarque. E nas nossas festas alegres, nas nossas passeatas ruidozas, nas nossas questões, nos nossos torneios literarios, nos nossos jornais, nos nossos discursos, nunca, nunca o seu nome foi esquecido.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E é esse o outro aspécto com que elle sempre me aparece na lembrança.

Pelo que se associou a bocados para mim tão felizes de um tempo que não volta mais, pelo laço estreitíssimo de sangue e de coração que o ligava a um grande e querido amigo da primeira infância, pela íntima camaradajem que o ligava a meu pai, pelo seu feitio intelectual e moral, talhado á moderna e a forte, muito o estimei e muito lhe prezo a memória.

Porisso, estas linhas, que vizavam ser uma pájina de humorismo, se tornaram numa pájina de saudade.

ESTADO DO AMAZONAS

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Augusto Britto

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
DO
ESTADO DO MARANHÃO

Houve uma época, no meu tempo de Liceu, em que a maior atração nossa era o teatro.

Pululavam os palcos particulares.

Eram quaze sempre em baixos de sobrado esses teatros liliputianos, em que a juventude e a mocidade debutava, reprezentada pelos seus... projetos de João Caetano.

O nome mais querido então era—está claro—Arthur Azevedo. Ao que ninguem se atrevia era a levar-lhe as peças.

Seguiam-se Americo Azevedo e Augusto Britto. Dois ídolos. Quando um delles ia assistir á reprezentação de uma sua comédia, para o que se lhes havia mandado os bilhetes—por uma commissão!—era um horror.

O contra-regra andava dum lado para o outro, suando, azafamado. De vez em quando levava o apito á boca, ameaçando de fazer subir o pano.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

«Que esperasse! Irra! Que pressa!...» Era medo de pizarem em cena, por cauza dos dois comediógrafos.

Augusto Britto era, pois, um nome aureolado, em que a gente falava com um respeito de crente.

Correram os anos. Passei-me dos bastidores—porque eu não quiz nunca representar!—para a platéa.

Por 1897, trabalhava eu em *O Federalista* quando rezolvemos fazer desse jornal... um jornal. Admitimos reporter, contratamos serviço telegráfico e conseguimos um excelente corpo de colaboradores, em que figurava Augusto Britto.

Eram seus assuntos preferidos—a política e o teatro. Sería ironia do acazo, pondo ao bico da mesma pena dois assuntos que parecem tão diversos e que são tão irmãos?...

Escrevia, si me não engano, ás sextas-feiras.

A's 8 horas, matematicamente, chegava, o andar arrastado, gestos nervozos, um ritus dorído no rosto.

Murmurava quaze imperceptivelmente um cumprimento.

Depunha lentamente, com um grande ar de dezánimo, o chapéu e o guarda-chuva.

E, vagarozamente, com um grande ar fatigado, retirava de dentro dum maço de jornais as suas cinco tiras invariaveis, feitas em aparas do papel da gazeta—não queria outro—, escritas a lapis, numa letra graúda, irregular, exquizita.

Sacava do bolso superior esquerdo

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

do colete a luneta,preza a um trancelim preto, e escancarava-a a meio nariz.

Sentava-se a meu lado, numa cadeira de vime, e lia pauzadamente, compassadamente o artigo. Depois, sem uma palavra mais, com o mesmo passo tardo e hezitante, ia, elle proprio, levar as tiras á tipografia.

Só então lhe conheci de perto a alma bôa, fraca e tímida.

A' noite ia quaze sempre vê-lo á caza.

Havia-se dado na repartição dos correios, de que elle era administrador, fato pelo qual não era responsavel, mas que o trazia abatido, irrequieto, irritado.

Encontrava-o ás vezes numa exitação de nervos horrivel.

Não tinha, não queria ter outro assunto. Deixava-o falar. Cansava, dava um giro pela grande sala de jantar, e voltava ao assunto.

Eu ia aos poucos desviando-o.

Falava em política. Era quaze certo o rezultado. Animava-se mais, continuando, porém, a irritar-se.

Tinha então um meio infalivel. Trazia á conversa Arthur Azevedo e o teatro, dois objetos do seu culto fervorozo.

Era outro,em poucos momentos.

Tinha, lembro-me bem, chegado aqui *O badejo*, a delicioza comédia, ou melhor, o deliciozo poéma burlesco de Arthur Azevedo.

Elle tinha, em *O Federalista*, publicado um longo artigo sobre a peça.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Eu começava, então, a lembrar-lhe cenas, ditos, versos:

E continuava a dizer-lhe os versos de Arthur, duma harmonia tão clara, tão simples e tão cantante.

Entuziasmava-se, sorria, gesticulava. Era outro.

Havia ocaziões em que as crizes eram de temer.

Cheguei mais de uma vez a lembrar-me de que elle poderia praticar um ato de dezespero, uma loucura, o suicídio.

Tranquilizava-me logo. Qual! Pois si elle era tão contra o suicídio, a guerra, o duelo!... Contra este, até fizera, si me não engano, mais de um artigo.

E serenava assim.

* *
*

Um dia, pela manhã cedo, precizei ir a vários lugares, antes do serviço do jornal. Era uma dessas manhãs tropicais, fortes, a que os inglezes tão proprimente chamam gloriozas.

Andava pela rua a labuta inicial dos dias de trabalho.

Sob o sol festivo e quente subia eu a rua Grande, por onde ia um largo rumor de vida.

Ao chegar em frente á caza de Augusto Britto ouvi gritos lancinantes. Prestei atenção. Vinham de lá, não havia dúvida.

Subi ás carreiras a escada.

E na alcova, em frente á porta do corredor d'entrada, estava, pendura-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

do duma corrente de rede, rôxo, inanimado,—Augusto Britto.

* *
*

Foi uma das sensações mais violentas que eu tenho tido na vida.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

O padre Fabio

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Guarda o seminário de Santo Antonio, com o seu claustro, aquelle ar inconfundivel que caratériza os conventos de construção portugueza. O páteo—em quadro. Contornando-o, um longo, esguio corredor de tijolo, separado do páteo apenas por um muro baixinho, de dois a trez palmos. Na parede, toda alva, de cal, uma cruz preta, de páu. Mandára fazê-la, benzera-a e pregára-a ali o padre Fonseca.

Em cima, em frente ás janelas, largas e velhas cadeiras. Era ali que caturrava á sésta o velho bispo d. Antonio de Alvarenga, que ali viveu tanto tempo, amando profundamente o Maranhão que não se sabia amado assim por elle. E o douto monsenhor Mourão, figura em destaque no clero, na política, na imprensa e no parlamento, antigo secretário do sabio d.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Macedo Costa, bispo do Pará. E, entre outros, o padre Fabio.

Ao fundo, o grande quintal,rico d'agua,rico de arvoredo,rico de sombra.

Grandes árvores abriam os galhos imensos, abrigando as horas céleres e ruidozas do recreio. E eram as grandes arvores e a herva rasteira a única vejetação do velho convento dos franciscanos.

Um dia, porém, os olhos pasmados de d. Alvarenga descobriram, ao fundo, um canavial vicejante.

Altas canas, dum amarelo festivo e dum verde tenro, sacudidas ao vento, ciciavam, estalando as curvas sensuais de víbora, com que se enroscavam, subindo da terra escura e húmida para a embriaguez tonificante da luz. Era todo um recanto de paz e de frescura, plantando ali, á sombra do velho muro secular de convento, muro que abrigára a saudade de muita iluzão murcha e que, então,via engalanada a sua quaze ruina com a vejetação nova e viçoza.

Indagou. Fôra o padre Fabio que o plantára, ao canavial.

E o velho bispo, que vivia uma vida sêca e áspera de céla, sem gozos, quaze sem conforto, recolheu, com o indicador esquerdo marcando o breviário interrompido, talvez a pensar no motivo que levára o padre Fabio a plantar com as proprias mãos o canavial sussurrante.

E dias decorridos, á hora do recreio, foi encontrar o padre Fabio,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

com aquelle bom e brando rizo na face pálida, rodeado d'alunos, com um farto feixe de cana aos pés, a sacudir o pico das mãos e da batina.

E como se via que lhe fazia bem o gozo que o seu trabalho, que o seu esforço, proporcionava aos meninos do seminário! Pensava-se, sem se querer, sem se lembrar do sorrizo mordente e irónico do tempo, num dia ha muito ido, na Galiléa, em que uma voz muito doce dizia, estendendo em tôrno as mãos cheias de carícias:—«Deixai vir a mim as crianci-nhas»...

* *
*

Nunca o tinha ouvido prégar. E um dia, em Santo Antonio, viu-o subir ao púlpito, pálido, sorridente, vagarozo. Falou quaze por uma hora. Não lhe ouvi, talvez, uma coiza que já não viesse na bíblia, uma palavra que não fosse das que se escutam a cada hora, na troca intima de idéas simples. E, no entanto, podia falar outra hora, mais outra. Ninguem cansaria de lhe ouvir cair da bôca aquelle fio de voz lenta, clara, doce.

Era assim que os profetas deviam falar.

E, durante o sermão todo, aclarou-lhe a fizonomia o mesmo sorrizo de bondade que sempre trazia.

* *
*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Muito doente já, foi tratar-se ao seu sertão piauiense.

Lá, recebeu um convite para bispo do Maranhão.

Não rezistiu á comoção.

E acabou assim, ao medo de lhe pôrem aos hombros um encargo para o qual se não julgava com bastante mérito, elle que tinha mérito para mais, para muito mais.

Tão modesto, e tão sinceramente foi, que não deixou, siquer, que o mundo lhe percebesse a clara intelijencia e, mesmo, a alma candida.

* *
*

Assim é que elle era. Que fique aqui esta homenajem ao seu belo espirito, e á sua bondade que passou no mundo quaze que despercebida, talvez propozitalmente, no medo,—quèm sabe? —de que fosse, em confronto com outras, julgada maior.

* *
*

Como lhe assenta o conceito de Eça de Queiroz sobre Julio Diniz! Porque elle viveu de leve e dezapareceu de leve...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

O tenor Rayol

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Um dia a Parahyba do Norte mandou Pedro Americo reprezentá-la na cámara dos deputados. Foi um espanto! E toda a gente quedou, a ver o que faria no parlamento o grande pintor. Correram-se os dias, gastaram-se os mezes, escoou-se a lejislatura, e Pedro Americo passou confundido com a cadeira, mudo, quieto, sem um gesto ou uma palavra que o fizesse lembrado.

Anos após, foi Abdon Milanez, um compozitor brilhante, escolhido para o mesmo posto, pelo mesmo Estado.

Pois Antonio Rayol fez mais do que esses dois artistas: foi subdelegado de polícia no Maranhão ! Si aqui demorasse mais, acabariam por fazê-lo ... oficial da guarda nacional.

Contaram-se anos. Numa ou noutra festa aparecia, a fazer ouvir a voz belíssima.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Uns não reparavam nella. Outros não acreditavam nella.

Foi para o Rio. De lá, mandou-o a generozidade do conde de Leopoldina á Europa, estudar múzica.

Fez progresso. Fez muzicas lindissimas. Mandou para cá muzicas lindissimas.

E quando toda a Itália artística se reuniu, sob a direção de Giuseppe Verdi, para celebrar o centenário de Rossini, Rayol cantou com as maiores celebridades mundiais da múzica, cabendo-lhe, entre todos, o quinto lugar.

Só então se acreditou aqui que elle era o que realmente foi: um esplêndido tenor, um artista por intuição nata, fazendo Arte, a princípio, quaze que por méro instinto artístico.

Trouxe uma formoza Missa. E, simples, sinjelo, afavel, não lhe ouviam falar na Europa a cada passo, a propózito de tudo e a propózito de coiza alguma, como a acontece a tantos,—é tão brazileiro isso!—que começam, desde que chegam, a achar que «isto aqui é uma aldeia», e a contar o que lá viram e, sobretudo, o que lá não viram, e a dizer o que lá fizeram, e, principalmente, o que lá não fizeram, porque por lá passaram anónimos e despercebidos no meio da grande turba.

Disse-lhe isso uma ocazião. Elle respondeu, sorrindo:

—O Maranhão não tem culpa de ser pobre...

Seguiu para o Rio. Lá, foi lente e

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

vice-diretor da Academia de Múzica, creio. Lá, como por toda a parte onde andou, rodeou-o o aplauzo dos que o ouviam.

Carlos Gomes escreveu-lhe uma feita dizendo-lhe, espontaneamente, que, dos tenores a quem tinha ouvido cantar o *Guarany*, nenhum o fizéra como elle.

Andou por Pernambuco.

Depois, pela Bahia. Aí, uma noite, fizeram-lhe uma orijinal manifestação os trovadores de esquina. Porque a Bahia é, como o Maranhão foi, a terra dos trovadores de esquina. Era já alta noite e Rayol dormia, quando, do seu quarto de hotel, ouviu uma vozería imensa, uma coiza ciclópica, subindo para a frescura da noite de luar. Abriu a janela. Era toda uma turba que cantava, de violão ao peito. Romperam em palmas.

Deceu, comovidíssimo. E lá, em plena rua, no siléncio da noite enluarada, em meio da turba quieta e muda, Rayol, de violão ao peíto, disse, como elle sabia dizer, uma das nossas velhas modinhas nostáljicas.

E era de ver ali, a cantar entre trovadores de esquina, o artista que cantára sob a batuta de Verdi.

E' que á sua imensa alma bondoza parecia que a gente humilde se ofenderia sem um ato seu como esse, a retribuir-lhe o carinho. Que, artista e meio boémio, nunca soube afivelar a *pose* solene com que tanta gente se equilibra na vida.

Veio, então, para o Maranhão.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Aqui organizou os seus *Pastores líricos*, que fizerem época. Eram verdadeiras mantas de retalhos, mas palpitantes, vívidas, de uma bela combinação de coloridos, como tudo que elle fazia.

Por esse tempo, a geréncia da empreza de bondes e trens montou no seu *estaminet* um teatrinho de feira. E, no dia da estréa, lá estava, de batuta em punho, a rejer a orquestra, o homem de quem Carlos Gomes tantos encómios, e tão justos, fazia.

Era a grande bondade da sua alma que o fazia decer ao mais baixo, que elle confundia, muita vez, com o maís humilde.

Lembro-me de uma homenajem que o comoveu profundamente: a festa em sua honra, feita no Rio pelo Clube Guanabára, que lhe ofertou o retrato ao *foyer* do teatro S. Luiz. Mas nem ella, nem as joias de preço que em toda a parte lhe deram, valiam para elle mais que um ramo de rozas. Que de tudo isso só o valor extrínseco lhe importava.

Conversavamos uma ocazião sobre o futuro dos cantores, que, si o não preparam bem, se condenam á pobreza quando a voz lhes faltar com a idade.

Elle sorriu, murmurando:

—Felizmente sei rejer um pouco e compor um pouquinho...

E podia dizer assim, confiante na sua pena de compozitor e na sua batuta de rejente, pena habil e ajil, pronta a acompanhar febrilmente a

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

idéa clara, batuta nervoza, eloquente, que parecia arrancar as notas aos instrumentos e atirá-las ao ar...

Viu-o compor muita vez.

Extraordinária, a rapidez com que o fazia!

Director da Escola de Muzica do Estado, fê-la uma realidade, e celebrou festas encantadoras, de que toda a gente se lembra com saudade.

Deixou, ainda por concluir, creio eu, uma opera,—*Iracema*. Ouvi-lhe trechos. Um, sobre todos, me impressionou vivamente. E' um verdadeiro poema sintónico:—Iracema saindo do banho—,deixando rolar dos hombros, dos braços, dos cabelos a agua sonóra que escorre em fios e goteja em pérolas...

Mal, tolhido numa cadeira pela edemacía, a respiração ofegante, entrecortada, penoza, ainda compoz uma valsa triste, maguada, dolente... Foi a sua última compozição.

Já agonizante, ainda cantarolava. E, no delírio, premendo violentamente o braço da filha em lágrimas, mandava que ella cantasse com elle...

Alma de artista e de bom, foi uma alma sofredora.

Fóra daqui, a quanto tería chegado!

Mixto de boémio e de sibarita, foi um desterrado na vida egoística de hoje. Era, talvez, para existir num mundo em que, depois de um dia magro de *quartier latin*, passasse a noite num salão rico, de sanefas ricas, de tapetes ricos, gozando alto a Arte.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

INDICE

PAG.

1—O dr. Maia..... 7
2—Benedicto Leite..... 15
3—Souzandrade..... 25
4—Paula Duarte..... 33
5—Gomes de Castro..... 41
6—Palmerio Cantanhede..... 49
7—Almir Nina..... 57
8—Euclydes Faria..... 65
9—Casimiro Junior..... 73
10—Augusto Britto..... 81
11—O padre Fabio..... 89
12—O tenor Rayol..... 95

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

DO MESMO AUTOR

PUBLICADOS

Mozaicos – (contos) Typ. Teixeira. 1908

O dominó vermelho – (contos) Tip. Frias. 1909

As Cruzadas – Imp. Off. 1909

NO PRELO

Contos da minha terra.

PRONTOS PARA O PRELO

Os tipos eçaneanos.

Henriques Leal, a sua vida e a sua obra.

A esmo – (cronicas).

EM ELABORAÇÃO

O Lucas Sampaio – (romance).

Sinhá Limeira – (romance).

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite